

Alto São Bento de Macapá

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietário A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se nos domingos—Assigna-se, a 2,000 por trimestre, na Typographia do Paiz, Largo do Palácio n. 17.

NUMERO 33.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 22 DE SETEMBRO DE 1872.

MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

Á Antonio Mello.

Vem do n. 32.

V

«Menina e moça,» na phrase de Bernardim Ribeiro, Marieta então ostentou-se me, como nunca a vira, pois conheciamos-nos já.

Ou fosse o arraigado septicismo que me fazia olhar indifferente para todas as mulheres, ou fosse depois o sentimento de gratidão que mais me aproximou de sua familia, Marieta deslumbrou-me n'esse dia.

Imagina, meu velho amigo, um rosto de anjo agoutado ao sopro de fresca viração pelas expensas tranças de um cabello bellamente louro.

Imagina uns olhos castanhos, um collo de alabastro, um todo de syphide e ali terás o retrato fiel d'aquella que dá motivo a estas disparatadas linhas.

FOLHETIM DO DOMINGO.

AS DEAS PRIZAS.

(Vem do n. 32.)

VI

Sophia desde que comprehendea o verdadeiro alcance de sua desgraça, nunca mais foi á casa de sua prima. Tinha vergonha d'ella, de si e de todos!

Como ella merecia o desprezo do mundo!

Tinha horror de um epitheto tão insultuoso e cruel que os homens, com direito, lhe darião.

A honhonzex de sua situação a acendruhava.

Ainda mais, não sabemos se, para felicidade sua, ou maior desgraça, ella achou-se gravida, e tornou-se mãe.

Sophia achou-se finalmente só, e unicamente coreada da miseria e da... Oh! é degradante a palavra!

Imagina o que me trã pelo coração quando meus olhos davam por acaso nos olhos d'ella; quando eu sorria ao tenue sorriso que lhe morria á flôr dos lábios; era uma alternativa de prazer e receio que me acabruhava seriamente.

Podendo fallar-lhe, podendo declarar-me francamente, pois a minha amasade para com a sua familia a isso me autorisava, eu sentia um acanhamento indefinivel se me aproximava d'ella, do mesmo modo que um pesar acerbo se não a via quando desejava.

No primeiro caso, procurava a roda dos bons amigos, uma palestra pelo menos; no segundo procurava distrahir-me com a leitura de qualquer romance.

D'este resultava o abatimento ou a exaltação do espirito; d'aquelle um desmentido solemnẽ ás minhas juras precedentes.

E eu tinha entretanto um desejo ardente de fazer chegar aos ouvidos d'aquella mulher os meus sentimentos a seu respeito; conhecia perfeitamente que ella não me era, ou ao menos não me mostrava indifferença.

Embebido n'essa dulcissima persuasão, quiz fazel-a a heroína de um poema... faltavam-me recursos; porém a pobreza de imaginação, o aba-

Revestiu-se um dia de coragem: foi á casa de sua prima, e em seus braços levou uma linda menina de dous mezes de idade.

Rosinha já sabia então a infelicidade de sua prima.

—Minha boa prima! disse Sophia—não te espante hoje a minha presença em tua casa: ha muito que não nos vemos... a sociedade não nos vê agora...

—Querida Sophia! um abraço, e abre-me o teu coração—dizendo estas palavras, Rosinha ia dar um apertado abraço em sua prima; esta porém, detendo-a disse:

—Não, Rosinha, eu não sou mais digna dos teus osculos e abraços... não te chegues, que o meu contacto te nodõa. Basta um aperto de mão...

Rosinha porém não a attendeu e deu-lhe um estreito abraço.

—Não, disse esta, aqui ninguém nos vê, e eu te prezo tanto... sei que és minha amiga.

—Seja como quizeres, Rosinha. Uma palavra agora: Eu te apresento esta innocente: é minha filha...

timento de espirito, a mediocridade de talento abrigam luta com a força de vontade...

Venceu esta. No dia seguinte corria impresso n'um dos jornaes da cidade o primeiro canto de um amor sincero, o primeiro barpejo de uma lyra, havia tanto tempo desafinada.

Eram fragmentos de um poema intimo:

•Eramos ver-te assim. Soltos os cachos
•Dásse louro cabelo seductor,
•Amo ver esse olhar que tu me lanças,
•Não sei se de desdem, ou se de amor.

•Amo ver o sorriso feiticairo,
•Que te paira nos labios de carmin,
•Embora, ó santa, se dirija aos anjos,
•Embora, ó anjo, se dirija a mim.

•Amo ouvir-te da bocca linda, breve
•As meigas phrasas que os anjos têm...
•E n'esse todo qu' a natura deu-te
•Viso o futuro m'acruando a mim...

•Os lauros illos do gentil cabelo
•Prendem a minha alma; são grilhões d'amor;
•O olhar é chama; se se atea eu vivo,
•Se um dia morre, morrerei, ó flor!

•Mago sorriso nos carminhos labios
•Destrocha lindo, que de amor traduz!
•Sê no horizonte que ridente encherge
•Iris d'esperança, meu fanal de luz.

•Phrasas singellas, que voais na brisa,
•Vibrae na lyra do infeliz cantor!
•Ser Tasso um dia, desejára eu sel-o
•P'ra dar-lhe gloria e lhe pedir... amor!

Rosinha tomou logo a menina em seus braços, e, enternecida, cobrio-a de beijos.

— Como ella é linda, Sophia!

— Mas como é negro o seu futuro...

— E porque?

— Que nome poderá ella ter, quando sus mãe... não sei se sabes o que é...

As lagrimas e os soluços rebentaram-lhe: Rosinha comoveu-se e ficou penalizada de sua prima.

— Enxuga tuas lagrimas, disse Rosinha, e ouve-me: dá-me essa menina; enseri sua madrinha... calarei o nome de sua mãe... direi por exemplo que morreu; e te prometto que hei de tratá-la como se fosse minha filha.

— Quanto és boa, querida prima! respondeu-lhe Sophia. Acredita-me, só isto justamente o que vinha pedir-te... não porém tanto quanto me offereces. Era já hoje o que mais sentia... era sim, o lembrar o futuro de minha filha. Deixa a sua mãe... essa pouco viverá... ella foi louca e imprudente, e teve um castigo

Quando chegou-me o jornal ás mãos, eu tive remorsos de ter commettido um crime. Teria por ventura offendido a innocencia d'aquella moça?

E depois uma declaração tão franca quanto publica não offenderia a sua modestia de moça?

Nestas considerações evitei encontrar n'esse dia os olhos de Marieta.

Evitei tambem procurar a roda dos amigos, porque necessariamente se estaria tratando, e não pouco, de minha pessoa. Accendi, pois, um bom cigarro e espichei-me na rede, lendo um drama da eschola antiga.

Nesse mesmo instante, bateram na porta da rua. Eram elles.

(Continúa)
Lima Baratta.

A. V. Cantacheo.

ILLUSÕES.

1º amor.

(VI a. 32).

Convidei-a para dansar conmigo uma quadrilha, no que annuo.

Acabada a quadrilha, encaminhei a conversação para o terreno em que desejava vel-a. Reconheci muito espirito n'ella, o que sob maneira esfriou o ardor do meu proposito. Quando se luta com a satyra de uma moça espirituosa, o amor envergonha-se: querendo expandir-se, balbucia apenas.

Depois d'alguns momentos de silencio, durante o qual passeiamos, das salas á varanda, aventurei timidamente:

— «V. Exc. acredita nas paixões subitas, minha senhora?...»

assás cruel... Deixa embora... ella talvez o merecesse. Se tiver forças para resistir por algum tempo... na ausencia do teu marido... na ausencia de todos, eu hei de fazer diligencia de vir ver minha filha. Elle mesmo não quero que jamais saiba quem foi sua mãe. Quero vel-a feliz... mas que não seja louca como eu fui... que tome só os teus conselhos... que seja virtuosa como tu.

Sophia retirou-se mais satisfeita do que havia entrado na casa de sua prima: havia deixado sua filha; havia renunciado o direito de mãe, é bem verdade; porém tinha agora a probabilidade de fazer feliz aquella innocente.

Rosinha cumpria fielmente o que prometien, e não tendo filhos por algum tempo, foi a sua afilhada os seus primeiros mimos e enleivos. Fernando, que tambem foi o padrinho da menina, amava-a como sua filha.

E, Rosinha com o seu querido esposo foram sempre muito felizes.

FIM.

A. Britto.

—«A que vem essa pergunta, cavalheiro?

Encaminhei-me ao coração do assumpto.

—«Estou apaixonado, minha senhora; suppunha o meu coração morto para o amor; começava a descreer dos meus proprios sentimentos, quando um encontro, um encontro... maldito talvez, dissipou-me a descreença, provocou-me a insomnia, o desasossegado e me tem deveras deitado...»

—«Mas... á que vem essa confidencia, não me dirá, senhor?»

—«Essa confidencia é necessaria; impôr um silencio cruel ao coração depois de convertel-o, é exigir-lhe o duplo sacrificio da illusão e do sofrimento. Esse encontro que tive foi com V. Exc... eu...»

—«O senhor...?»

—«Amo-a... e...»

—«Já vejo, exclamou ELLA abandonando-me o braço—com um gesto da mais altiva soberania, já vejo que o senhor não está no seu juizo: quando curar-se, ou curareta-não, espero que me venha dar uma satisfação...»

E deixou-me estupefacto. Encaminhei-me tremulo e pallido á mesa do *vollarete*.

A vergonha casava-se com o pezar para atormentar-me naquello momento infeliz.

O doutor jogava; sem attenção aos parceiros, bati-lhe levemente no hombro, obriguel-o a abandonar o jogo, para cavar as mãos amorosas confidencias.

Contei-lhe sem relucio o que se havia passado entre mim e ELLA.

Ao finalizar, uma lagrima indiscreta e despeitada rolou-me nas faces.

—«E' um amor... desgraçado, não é verdade? perguntei.

—«Se queres que te diga, considerou o Dr., não deixa de ser bem empregado o adjectivo.

—«Já li não sei em que livro, ajuntei, uma phrase singular, uma sentença amara, que me era então impossivel comprehender, mas que agora comprehendo, agora que adoro essa mulher.—«Ao amor que soffre basta pouco para fazer esquecer, ou para suavisar-lhe o soffrimento.»—Sinto-me feliz na minha desgraça. Vós outros, amantes que juntaes a ventura á indisciplinação, precisaes scenas extraordinarias, dramas e barulho; accusaes com a vossa leviandade as vossas alegrias intimas. A mim, *desgraçado* como sou, bastam-me as nuvens e os sonhos. Vós sois atrevidos e falladores; eu posso dizer como Cherubim do CASAMENTO DE FIGARO: *Je n'ose pas user*. Para vós o amor é uma vulgaridade mundana e

terrestre... para mim, é o presidente da republica dos sonhos; é um anjo, um Deus que habita o espaço, para collocar-se entre o céu e a terra! Enfin, vós amaes em prosa e eu amo em verso; o amor feliz é apenas uma—miseravel historia,—o amor desgraçado foi sempre um—admiravel poema...!

—«Mas ELLA... ELLA, meu poeta? Então?...»

E' preciso, que m'a mostres...

Coincidencia: neste momento ELLA passava de braço dado á uma amiga; creio mesmo que chegou a ouvir as ultimas palavras do doutor.

—«Eil-a... disse n'um impeto.

—«Quem? Esta?»

—«Essa sim...»

O doutor ficou vermelho, branco, amarello... enfim multi-cór!...

Era o estandarte do desespero!

—«Desgraçado, continuou convulsivo e enterrando-me nas carnes do braço direito uma unha de bacharel, essa mulher... é...»

Os leitores já devem ter comprehendido que a minha ELLA era a querida esposa do meu amigo de infancia.

Ai... amor!

FIM.

A. A.

CHRONICA.

Poupem-me os leitores o trabalho da apresentação. Eu sou *Blay, o herói*, pseudonymo, em cuja sombra protectora me abrigo para poder fallar de tudo e de todos—a vontade, sem temer as seringadas dos criticos. *O uso faz lei*: se hoje apparecesso no *Domingo* uma chronica assignada por A. Azevedo, M. Marques, L. Baratta, V. Cantanhedo, etc.—dar-lhes-hia que fallar porque *cada roca tem seu fuso*.

Por tanto sou e serei o *Blay, o herói*.

Principio a minha missao de uma maneira... triste.

Queria fallar dos acontecimentos de S. Thiago, da força que cala baionetas, do povo que se esbordeia, do Templo que se profana, do frade que pucha o badallo; porém os outros jornaes têm succintamente fallado disso.

Estão eleitas as Exmas. directoras da Caixa de

Beneficencia. Por occasião da eleição, em Palacio, onde foi procedida, houve um excellentecopo d'agua—, e uma *soirée*.

Vai inaugurar se brevemente a linha de *bonds* para os Remedios.

Consta-me que, durante a festa de N. S. dos Remedios, o juiz mandará collocar musica, fogos e luminarias no largo de Palacio, porque muita gente tem de passar a festa lá, assim como o Chico do hotel—vae estabelecer um café cantante no—*descio*—para passatempo dos passageiros, cantando elle proprio algumas arias.

Venha-nos isso.

Ora louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!
O relógio da Sé já deu signal de vinda!...
Até quando?

Chegou de Lisboa o lugre portuguez *Diogenes*, que trouxe a seu bordo a estatua do immortal cantor dos Tymbáras.

Por parte da redacção agradeço aos Illms. Srs. directores do Gabinete Portuguez da Leitura a offerta de um exemplar dos *Versos*, que a favor do mesmo Gabinete publicaram alguns socios.

O *Domingo* agradece tambem ao *Publicador Maranhense* as phrases delicadas com que pediolhe desculpa—por parte do Gabinete, e o *colleguiha* louva aqui muito particularmenté o fino espirito do *collegião*.

Forão publicadas no Ceará os primeiros numeros da *Opinião*, jornal litterario e recreativo, que capricha na escolha de bons artigos.

Agradecemos a remessa que nos fez a sua redacção, e retribuimos-lhe o *Domingo*.

Mas um novo jornal, e caricato: a *Cigarra*. Propõe-se a combater o—jesuitismo—ouos inimigos de Deus, da Patria e da Liberdade.

E' de Pernambuco.

Até Domingo.

Eloy, o herói.

Dores d'alma.

A' minha irmã G. R. A. D.

Que tristes, minha irmã, são estas horas
Que passo agonizante no meu leito!

Itaiado o coração de dor inflada,
E o pranto represado no meu peito...

E eu soffro, e gemo, e choro tão sózinho!
Ninguem m'entende aqui.

Oh! que saudades, minha irmã, eu tenho
Da terra onde nasci!

Tu te lembras d'aquelles lindos dias
Que risinho brincava ao lado teu,
Sorrindo no teu olhar, ás tuas carieas,
Quando adegavas o cabelo meu?

Como era linda e terna a nossa infancia!
Como eu era feliz!

Como o riso mudou-se em dor tão cedo!
Foi Deus que assim o quiz.

Por isso minha alma humilde soffre,
Nem blasphema, nem descreve de Deus,
Porque inda espero, minha cara irmã,
Ver-te, e apertar-te nestes braços meus!

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1871.

A. C. de Almeida.

Motte.

•Eu queria, ella queria,
•Eu pedia, ella negava,
•Eu chegava, ella fugia,
•Eu fugia, ella chorava.

GLOZA.

Foi paixão mutua, vehemente,
Foi sincera sympathia;
Eu e ella tão ditosos—
Eu queria, ella queria.

Célica e linda visão,
Um anjo qu'eu adorava;
Deu-me amor, mas só um beijo
Eu pedia, ella negava.

Tão terna, meiga e bondosa,
Amei-a como devia;
A's vezes por medo ou d'avidia,
Eu chegava, ella fugia.

Porém depois, quando o taço
Do Hymeneu já nos ligava,
Farto de gozo e carieas,
Eu fugia, ella chorava.

A. Britto.